

PEARL: O SIMBOLISMO DA PÉROLA

Francisca Fonte
Inês Andrade
Irine Semenishcheva
(NOVA FCSH)

“Things may be as they seem,
but are also more than they seem”
(Sarah Stanbury)

I

Do grego *Symbolon*, os símbolos representam algo abstrato, sendo elementos essenciais na comunicação, uma vez que são formas de linguagem, encontram-se difundidos pelo quotidiano nas mais variadas vertentes do saber, bem como das vivências e experiências humanas. Ajudam a entender o nosso passado e o funcionamento do mundo que nos rodeia, conferindo uma misticidade a uma entidade ou um objeto. Observando um tridente, para alguns de nós viriam à mente as forças malignas ou um ceptro do Diabo, pois coincide com a maior parte das representações desta figura. Mas o que diria Poseidon ou Neptuno sobre isto? O seu tridente é conhecido pelo poder que detém, surgindo constantemente nos relatos míticos. De facto, segundo Gerhart B. Ladner, “symbols were believed to represent objectively and to express faithfully various aspects of a universe that was perceived as widely and deeply meaningful.” (*Apud* Tambling, p. 39), podendo assumir-se, nomeadamente graças ao poema medieval *Piers Plowman*,¹ que tudo é simbólico no que toca à criação.

Compreender o passado determina ativamente a nossa capacidade para interpretar o presente, que, como pudemos ver pelo exemplo acima, permite uma multiplicidade

¹ “*Piers Plowman* is a late 14th-century dream-vision. The poem is a sequence of 22 dream-visions, called ‘passus’, which means ‘step’ in Latin. In these visions, the narrator, Will, meets a series of allegorical characters. The poem is an exploration of Christian faith, as the narrator strives to uncover how to live a good Christian life.” (British Library, 2022)

de visões. Como distinguimos a verdade da crença? Como é que escrevemos a nossa história e com isso definimos o nosso ser? Existirá alguma verdade ou tudo depende da perspectiva e do significado que atribuímos a algo, movidos pelas nossas emoções, histórias individuais e vontades? Contemplamos a vida como se através de um véu que nos ‘protege’ da realidade e distorce a percepção, possibilitando a cada ser humano uma infinidade de convicções e princípios. Existem mistérios do Universo e da Natureza que estão, de certa forma, vedados; porém, Boccaccio atribui a responsabilidade de assimilar os acontecimentos a cada um: “When things perfectly clear seem obscure, it is the beholder’s fault. To a half-blind man, even when the sun is shining its brightest, the sky looks cloudy, some things are naturally so profound that not without difficulty can the most exceptional keenness in intellect sound their depths.” (*Apud* Tambling, pp. 28-29)

Embora existam símbolos internacionais, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou mesmo por uma só pessoa ou contexto - religioso, cultural, entre outros, assumindo assim infinitas alterações e interpretações.

II

A fonte primária de nosso estudo é o poema medieval *Pearl* (Pérola), sendo o enredo integrado num sonho. Identificar os autores de textos literários desse período histórico é frequentemente difícil e os sonhos eram muito populares na literatura da época, permitindo aos poetas ilustrar ideias que, de outra forma, seriam impossíveis de expressar. O autor utilizou a visão onírica para retratar uma experiência difícil de descrever, assumindo que se possa tratar da perda de um ente querido.

Os poemas sob a forma de sonhos aparentam, de facto, ser uma estrutura comum dos tempos medievais, à qual Jeremy Tambling se refere como “special form of allegory” (*Ibidem*, p. 7), dando o exemplo do *Roman da la Rose*, escrito por Guillaume de Lorris e Jean de Meung. O poema francês parece partilhar a ideia da procura de um ser amado, como *Pearl*, sendo que no primeiro se trata da busca de uma mulher cobiçada, enquanto no segundo, como já mencionado, a conquista seria a reunião com a pessoa amada.

Sendo ambos sonhos alegóricos,² demonstram a importância do nosso inconsciente, estudado por Sigmund Freud, para o qual “The interpretation of Dreams is the royal road to a knowledge of the unconscious activities of the mind” (*Goodreads.Com*, 2021) e revelam apego ao que aparenta ser melhor do que a realidade. W. B. Yeats expressa, a este propósito: “for we love nothing but the perfect, and our dreams make all things perfect” (Jeremy Tambling, p. 80). Simultaneamente, os sonhos alegóricos sugerem a presença do engano e do jogo de palavras, o que nos leva a confirmar a constatação de que “all dreams are ironical- saying one thing but meaning another- in the way that poetic allegories are ironical” (*Ibidem*, p. 8).

Mais do que uma composição lírica, *Pearl* revela ser uma elegia, subgênero que se pensa ter surgido na Grécia Antiga, *circa* século VII, altura em que os poetas dedicavam as suas criações à guerra, como forma de luto. Assim, maioritariamente, as elegias relatam uma perda ou algum acontecimento trágico, ao mesmo tempo que serviriam de consolo para os que estivessem a vivenciar eventualidades semelhantes. Sendo um desabafo de alma, esta lírica contempla temas quotidianos, como a consciência da brevidade da vida, a instabilidade e fragilidade do que é humano, a perda ou o fortalecimento da fé, dados a angústia e o saudosismo, a especulação face ao destino e a procura de respostas. Notamos a tradição proveniente dos autores gregos, como Sólon (“Procura dentro de ti, na tua cabeça; e aí encontrá-lo-ás.”), Teógnis de Mégara, defensor do lema *carpe diem* e Mimnermo, conhecido pelos seus lamentos face à efemeridade da vida.

Datando do século XIV, a elegia *Pearl*, cujo título se originou a partir da parábola bíblica “Pérola ou Pérola de Grande Valor”, que ilustra o valor do Reino dos Céus, tem um total de mil duzentos e doze versos (1212), sendo doze o número mítico da Jerusalém Celestial. Os números constituintes do poema e a sua simbologia são algo de extrema relevância: são vinte conjuntos de cinco estrofes, fazendo um total de cem, o número universal da perfeição. A simetria numérica está constantemente presente; contudo, há uma curiosa adição de uma estrofe extra num dos conjuntos, totalizando

² “This relation of dream to allegory, also present in Bunyan’s *The Pilgrim’s Progress*, extends to Freud’s *The Interpretation of Dreams* (1900), which interprets dreaming allegorically, since the images which persist through the extended action of the dream stand for other psychic agencies, which, repressed in the unconscious, can only appear in a figurative mode.” (*Ibidem*, pp. 7-8)

cento e uma estrofes - cento e um, número que sugere novos inícios depois de uma queda. Este número é recorrente em diversos poemas medievais como, por exemplo, no conhecido poema *Sir Gawain and the Green Knight*.

Das vinte secções do poema, as quatro primeiras são dedicadas, principalmente, à apresentação do estado de espírito do sonhador, à descrição do cenário e da própria Pearl. O argumento e a exposição ocupam as doze secções centrais e as quatro últimas contêm novamente uma descrição, desta vez da Nova Jerusalém, e terminam com as reflexões do poeta. O esquema métrico subdivide o poema em secções menores e, ao mesmo tempo, interliga todas as partes numa só sequência, formando um segundo padrão. Uma palavra-chave ou frase no último verso de uma estrofe é sempre ecoada no primeiro da estrofe seguinte, o que significa que as secções estão interligadas, e o eco produz o efeito de um círculo completo, pretendendo talvez sugerir a ideia de uma pérola.

Em *Pearl*, o narrador, apresentado como um joalheiro, encontra-se num jardim, lamentando a perda de uma pérola que, à medida que a leitura avança, se revela ser algo muito maior e imensamente prezado, e não um mero objeto. Curiosamente, o espaço em que o narrador se encontra poderá ter sido escolhido por associação ao jardim do Antigo Testamento no *Cântico dos Cânticos*, que se pensa ser símbolo da virgindade feminina e, consequentemente, da pureza; além disso, no século XII, o monge Bernardo de Clairvaux declarou o jardim como uma representação alegórica da Virgem Maria, da Igreja ou do Paraíso (Jeremy Tambling, 2010 p. 32). Todos estes temas são fulcrais na análise do poema em questão, aproximando-se ou fazendo parte da resposta para os simbolismos aí presentes.

Jeremy Tambling afirma que há mais desafios na atribuição de significados do que o que se pensa; porém, são os simbolismos que conferem encanto a este período da história, assim como à vida: “it should be noted how the capacity to articulate the whole of creation in symbolic terms is at the heart of medieval allegory” (Tambling, 2010, p. 39). Tudo à nossa volta é uma alegoria, no sentido em que, se imaginarmos o cenário da Alegoria da Caverna, percebemos que, à semelhança dos homens que observavam as sombras projetadas nas paredes, somos igualmente meros espectadores da realidade que nos é apresentada e será assimilada de formas distintas por cada um, uma vez que

"Allegory describes one thing under the image of another, or speaks one thing while implying something else." (*Ibidem*, p. 6)

Esta ideia advém dos escritores romanos, com o conceito de *Allegoresis*, que sustenta a prática de "consciously writing one thing and meaning another." (*Ibidem*, p. 20). No seguimento desta ideia, Dante distingue duas formas de alegoria: "the allegory of poets" e "the allegory of theologians" (*Ibidem*, p. 25), frisando que, na primeira, a pedreira ("quarry"), sendo um local de onde são extraídas pedras e outros materiais rochosos, surge comparada à verdade "hidden under a beautiful fiction" (*Ibidem*, p. 25). As alegorias necessitam, assim, de uma 'tradução'; porém, o essencial é dar a devida atenção ao nível literal da história. A interpretação alegórica deve basear-se numa compreensão completa do sentido literal primário. A simbologia de um texto precisa do seu plano literal, de onde são retirados os argumentos necessários à sua assimilação, e, portanto, ao ascender em direção ao seu plano espiritual.

Na obra aqui estudada, assim como em muitos poemas-sonhos medievais, surge uma "artificial nature" (*Ibidem*, p. 35) que obriga tanto o narrador como o leitor a abandonar o mundo real e material. A partir desse momento, tudo o que o narrador vive e vislumbra, assim como todas as identidades presentes no seu sonho, são alegóricas (*Ibidem*, p. 35). Dentro do seu sonho, o sujeito encontra-se num lugar que não reconhece. Os escritores devocionais medievais usam regularmente o sono e o sonho como imagens para descrever experiências espirituais. Quando sonhamos, a memória de todas as coisas externas e físicas é completamente eliminada, sendo como que uma passagem para um lugar de contemplação divina. O sujeito insiste que não seria possível vivenciar num estado físico a Jerusalém Celestial, uma vez que essa visão o teria matado, pois os sentidos humanos não seriam capazes de suportar tal esplendor. Ele sabe, então, que a sua experiência não lhe ocorreu no corpo, mas em espírito. Dá-se um aumento da consciência num outro nível e não a perda de consciência; daí a imagem do sonho ser tão apropriada para descrevê-lo: uma evocação para um mundo mais fresco e vigoroso do que a vida é capaz de despertar.

Assim, ao adormecer, o joalheiro acede a um sonho fantástico, onde surge num cenário paradisíaco ao lado de um rio. Do outro lado da corrente, observa quem lhe parece ser familiar, num vestido de pérolas branco e com uma reluzente coroa na cabeça, tratando-se da sua amada pérola. Os dois conversam em lados distintos do rio:

ele tenta entender a privação da sua vida presente, enquanto ela procura revelar os mistérios da vontade de Deus.

Pearl foi escrito, claramente, para uma audiência muito específica e alguns dos seus símbolos e referências tornam-se para nós, leitores contemporâneos, barreiras para a compreensão. Os estudiosos de literatura medieval têm uma ligação restrita com o contexto de surgimento dos seus objetos de estudo, uma vez que muitas das obras que se mantiveram desde o período medieval são anónimas e desconhece-se, frequentemente, quando foram escritas, qual o seu propósito ou público-alvo, o que lhes confere um cariz enigmático. Em *Validity in Interpretation*, E. D. Hirsch referencia testes que consistiram na apresentação de poemas a alunos de Cambridge sem menção de título ou autoria, resultando no insucesso dos alunos na interpretação dos mesmos e argumenta que a nossa capacidade de decifrar corretamente os significados em obras literárias é prejudicada quando não temos evidências externas que nos guiem. Certos modos de significação são desconhecidos para o leitor moderno, cuja interpretação é facilmente distorcida.

A literatura da Idade Média, em comparação a outros períodos, é muito consistente no plano da ideologia religiosa. *Pearl* veicula valores comuns do ensinamento cristão, como o princípio de que os homens se devem submeter à vontade de Deus, podendo esperar pela Sua graça e ganhar uma recompensa celestial. São ideias das quais o sonhador precisa de ser lembrado, já que, embora as conheça em teoria, não percebe em plenitude as suas implicações na vida prática.

A heterogeneidade na interpretação do que é ou será esta pérola, para além da metáfora, sustentada e desenvolvida,³ para uma jovem vida que foi retirada deste mundo, exige uma observação cautelosa da mensagem que o narrador tenciona passar. A complexidade das emoções humanas, os seus conflitos interiores, assim como a limitação do ser humano perante o Universo e a consequente incapacidade de ter tudo sob controlo, obriga ao uso de formas concretas, tal como a pérola, para descrever ideias abstratas e imperscrutáveis, para que se tornem mais claras (“providing concrete forms for complex, abstract ideas which it makes recognizable.” como nota Tambling, 2010, p. 5). Assim sendo, a abstração de uma realidade não palpável, acaba por estar

³ “A metaphor sustained, and developed, is *allegory*.” (Tambling, 2010 p. 6)

lado a lado com o concreto, uma realidade material. A concepção do que é concreto e abstrato é definido como “either to what is tangible or to qualities not accessed through the senses.” (*Ibidem*, p. 12) Podemos comprovar esta percepção através do exemplo do discurso de Macbeth, que relembra o assassinato do rei Duncan, enquanto este se encontrava imerso no seu sono, personificando a palavra ‘sleep’, ao transformar uma ideia abstrata numa pessoa. O que ocorre em *Pearl* parece ser algo similar, existindo uma constante alomorfia: um sentimento, evidentemente incorpóreo, de perda, sofrimento e hesitação, é depositado numa pedra preciosa, passando a ser tangível.

À medida que avançamos, percebemos que a pérola é uma referência a algo imensamente amado, mas que foi perdido e eventualmente ‘encontrado’ num cenário improvável. Há, por isso, uma constante alteração entre a dimensão espiritual e material. Segundo o Novo Testamento, deve existir uma dualidade na forma como vemos e interpretamos, literal e espiritualmente, o que nos circunda, de modo que objetos e ocorrências do dia-a-dia representem uma realidade eminente e dissimulada (*Ibidem*, p. 16). É-nos revelada a supremacia de uma leitura espiritual e figurativa em detrimento da literal, objetiva, pois através da primeira acedemos a mensagens implícitas (*Ibidem*, p. 14).

Vejamos excertos da primeira estrofe do poema, na tradução de Bill Stanton, em inglês moderno:

“Pearl, to delight a prince's day,
Flawlessly set in gold so fair
In all the East, I dare to say,
I have not found one to compare.
So round, so radiant in array,
So small, so smooth her contours were,
Wherever I judged jewels gay
I set her worth as truly rare.
...
I mourn that pearl without a spot.” (I)

Temos inicialmente a referência ao vocativo “Pearl” como sendo redonda, pequena e de contornos delicados. À partida, não identificamos nada de incomum, pois é assim que caracterizamos esta jóia; porém, estas características são comuns à criança da qual se trata, igualmente miudinha, encantadora e frágil. O narrador insiste em salientar,

além do seu aspeto físico, o facto de ser tão rara que dificilmente encontraria uma ao mesmo nível, pois o seu valor é incomparável.

Sabemos que as pérolas têm reputação pela sua pureza e esta particularidade é, sem dúvida, primordial, já que a criança metaforizada pela pérola se adequa a este retrato: as pérolas simbolizam a feminilidade, a virgindade e a inocência. É justamente assim que acaba a primeira estrofe - “I mourn that pearl without a spot.”, demonstrando que a sua pérola não tinha “marcas”, não tendo sido manchada pela vida, o que aponta para a sua beleza e perfeição. Por outro lado, a dualidade da palavra “spot” pode transportar-nos para um espaço físico: a jóia foi levada para uma dimensão imaterial e transcendente, deixando o narrador “without a spot”.

Além de a pérola poder simbolizar uma jovem vida, se nos recordarmos que o poema foi inspirado numa parábola bíblica, percebemos que a jóia poderá personificar uma entidade superior: para os Cristãos, Jesus Cristo e o seu Reino. Como consta na parábola, o negociante teria vendido todas as pérolas em sua posse, em troca de apenas uma, cujo valor era imensurável; a pérola, neste contexto, à semelhança da interpretação anterior, é considerada uma riqueza. Assim, a sua índole torna-se ainda mais religiosa: a crença numa divindade, em algo inexplicável, seja Jesus Cristo ou não, está depositada num objeto reluzente, demonstrando que a fortuna que pensamos ter é enganadora e superficial. A parábola desvenda que a fé é suficiente para se ter o verdadeiro tesouro, que será também o caminho para o Paraíso.

Deste modo, identificamos um subgénero de alegoria – a alegoria bíblica - que, parafraseando Jeremy Tambling, torna o herói, o cristão, na sua jornada para a cidade celestial (p. 69), um modelo para o leitor seguir e imitar. A Bíblia é caracterizada como uma “allegory of theologians”, onde ambos os níveis, literal e alegórico, coexistem. Os dois níveis possuem quatro significados distintos: literal, alegórico, moral ou tropológico e anagógico (*Ibidem*, p. 26), que correspondem à tríade das qualidades espirituais, incluídas na epístola de S. Paulo aos Coríntios (13.13), sendo estas a fé, esperança e caridade (*Ibidem*, p. 27). Estas virtudes são descritas como regras que permitirão ascender a um ideal de perfeição: “Faith appears in the allegorical meaning, which tells you what to believe, charity in the tropological, which tells you how to behave lovingly towards others, and hope in the anagogical, which tells you what you can expect in the future.” (*Ibidem*, p. 27)

A apóstrofe “Earth, you have marred her purity” (I) demonstra que a terra é capaz de arruinar a candura, evidenciando, mais uma vez, a superioridade da Providência, onde tudo é sublime. Será esta ‘terra’ o túmulo ou uma crítica à humanidade que a habita? De qualquer modo, podemos afirmar que, apesar de quem narra achar que a pureza foi corrompida, a essência é eterna, semelhantemente a uma pérola, retirada de ambientes lamacentos, mas que mantém a aparência e o valor. Outrossim, a sua magistralidade é proveniente da natureza, o que significa que é uma riqueza de valor infindável para o narrador, porque lhe traz deleite e alegria (“And charge my very soul with glee”). Indubitavelmente, assume-se que é a maior das fortunas (“Richer than any diadem ... No man might praise it or condemn,/Its worth would surely overawe.”, IV); nenhum homem poderia retirar a sua grandeza, não só por ser eminente o prestígio desta pedra, mas por ser amada (“whose price was dear”).

Apoiando-se no facto de que as pérolas são criadas por reacção a corpos estranhos, podemos assumir que a escolha desta jóia, mais uma vez, não seria despropositada, visto que a vida da filha e do narrador foi perturbada e alterada. Por ser sensível, a pérola exige cuidados para a sua preservação, assim como um ser indefeso e delicado necessitava de proteção - algo que não foi possível de garantir, por razões incógnitas.

Esta pérola é forte e vigorosa, repleta de luz infindável, que não se compara à luz da lua (“A pearl from which light radiates, .../Each street so gleams and coruscates/It needs no light from moon or sun.”, XVIII),[...] tão pura, incomparável e poderosa que o brilho irradiava por todas as partes (“Its glowing radiance without peer,/So dear to me that splendour bright.”, II) [...]. Inclusive, o seu fulgor possuiria dons quase mágicos, devido à autenticidade, primor e vernaculidade que caracterizavam a pérola e, consequentemente, a criança; mesmo após o seu “desaparecimento”, coisas boas proviriam da terra, pois a sua essência não iria cessar:

“Flower and fruit can ne'er be dead
Where that pearl slipped into the clay,
For grass will grow from seed once shed
Or grain could not be stored away,
And good will always good repay.
This comely seed shall perish not,
And spices will their fruit display
From that dear pearl without a spot.” (I)

A maioria das parábolas do Novo Testamento são alegorias proféticas, tendo o exemplo mais conhecido o do semeador que destaca a importância de um terreno arável e propício para semear, de forma que dê frutos, mas dependente também da Natureza, imprevisível e que se rege pelas próprias leis (MacQueen, 1970 p. 23). Segundo o Evangelho, os diferentes tipos de solo representam distintas categorias de homens, enquanto a semente simboliza uma adição divina. A interação entre o solo e a semente é decisiva para a colheita (ou a falta dela). Por vezes, a adição da semente poderá originar algo transcendente. “The seed . . . represents a divine addition to the raw material of humanity” (*Ibidem*, p. 25) - em *Pearl*, a semente é, evidentemente, a própria joia (“dear pearl”), que fará com que o bem prevaleça. Em inúmeras parábolas, a menção à fruta ou colheita é associada ao reino de Deus (*Ibidem*, p. 25), confirmando a constatação “the divine purpose had and would operate in history” (*Ibidem*, p.37).

Curiosamente, em algumas culturas, acredita-se que a pérola é criada a partir de uma gota de água de orvalho que atinge a superfície da concha, processo que é correlacionado com o nascimento. No seguimento desta linha de raciocínio, evidencia-se o poder divinal da pérola e, por conseguinte, da criança, para criar vida (frutas, flores, etc), pois, tal como é referido no poema, “And good will always good repay”. Não obstante, associamos ainda o condão de se manter viva e presente, uma vez que uma alma deste carácter nunca se poderia desvanecer efetivamente. Haveria um propósito supremo reservado especialmente para a sua alma?

“She was a rose which could not choose
But bloom and fade by laws austere.” (IV) [...]

Segundo estes versos, identificamos novamente parecenças entre a pérola e a jovem vida à qual é associada: ambas formosas, sublimes e graciosas. Não é por acaso que, nesta parte do poema, surge o nome “rose” – flor que remete para a perfeição, a pureza, a alma e o renascimento. Nesta perspetiva, segundo o processo natural, tanto de uma flor como de um ser humano, o que se espera é o seu nascimento, desenvolvimento e perecimento; porém, esta lei é considerada severa (“laws austere”), especialmente para alguém que ainda tinha tanto para vivenciar. A natureza, ao mesmo

tempo que é capaz de criar e gerar vida, é destrutiva, face à passagem do tempo e imprevisibilidade. A pérola, em oposição, tem a existência ilimitada, uma vez retirada do seu meio para servir outros fins, dados a beleza e valor inequívoco. Será audacioso constatar que poderá ter sido retirada deste cosmos porque a sua bondade e o seu encanto eram almejados noutra dimensão, numa tentativa, talvez, de preservar a sua inocência? Não é por acaso que Ralph Waldo Emerson afirma que “Nature is the symbol of spirit” (*Apud* Tambling, 2010 p. 86), o que prova a escolha de um elemento da natureza como um meio de transparecer a criação de Deus (a Natureza) e, simultaneamente elevar a própria pérola a um patamar supremo. De facto, é-nos dito que qualquer homem daria tudo o que tem para alcançar uma pérola assim, tal como o narrador faria o possível e o impossível para a ter de volta:

“Who bear this pearl upon the breast.
To quarrelling we give no thought
Who bear of spotless pearls the best.” (XV) [...]

Quando o narrador adormece, viaja ao Paraíso, onde as maravilhas se multiplicam de maneira a construir um lugar impossível de reproduzir pela mão humana, um lugar que nunca iria magoá-lo. Dessa forma, a pérola transporta a sua alma ao lado mais espiritual, místico. A elegia explora assim as possibilidades de um sonho nos levar até um reino glorificado nos céus. O brilho que provém da pérola é o brilho do Paraíso (“glorious splendour bright”, II). Retirada deste mundo sem aviso, o Paraíso torna-se numa estratégia de acalmar a mágoa do narrador, aconchegando-o (“Its glowing radiance without peer,/So dear to me that splendour bright.”, II) [...] Nesse lugar, ele encontra a sua preciosidade, adornada em pérolas e com um véu:

“I thought her purpose spiritual cheer
With hanging sleeves so wide and clean
The pearl is a gem, is a two-year old child,
And double rows of pearls so bright beautiful young woman,
is the immortal soul, is the heavenly
With precious pearls richly bedight. singly
With wimple’s edge in pearls bedight
With whitest pearl, no other gem,
And gleaming white the dress she wore” (IV) [...]

Nesta estrofe é possível encontrar um dos principais simbolismos da pérola, já mencionado: o da inocência. A pérola é uma riqueza, presumivelmente, uma criança, correlacionada com a felicidade, a ingenuidade e virgindade. Aparece com um véu e vestido brancos, talvez porque, no mundo físico, nunca cresceu para se tornar uma noiva, uma mulher. Na Jerusalém Celestial surge adornada de pérolas, mantendo o espírito inocente e juvenil com que deixou a Terra, apesar de mais velha e madura. A inocência de uma pérola é algo que deveria ser comum à raça humana; Cristo quer homens e mulheres sem pecados, pérolas sem defeitos. Além disso, a positividade de uma pérola é algo presente nos abençoados, moradores do reino dos céus - “I looked and saw in that array/That everlasting joy they wore./Then saw I there my daughter gay”, que se deve àquilo que vivem e assistem no paraíso.

A sua joia é nomeada pelo narrador de rainha do Paraíso, a mais bela, mais poderosa e capaz de feitos honrados. O homem descreve a sua infelicidade sem a filha e pergunta, na esperança de obter respostas para o seu coração inquieto: “What fate did now my pearl betide/And left me here in grief and care?”. Indignado e curioso com o destino, vê a sua filha feliz; sendo sempre lembrado de que já não a poderia ter (“To say your pearl has fled away”) é, ao mesmo tempo, frisada a paz e alegria em que habita. Dessa forma, para qualquer joalheiro que possui a sua preciosidade, a perda e o sofrimento não são justificáveis. A sua atitude perante a perda de um ser humano é como a de um joalheiro perante a perda de uma pedra preciosa: uma atitude possessiva e egoísta.

É ao ver o Paraíso que, naturalmente, nasce o desejo, por parte do narrador, de lá habitar; perto da sua pérola e naquele mesmo cenário, seria um homem feliz (“I'd be a joyful jeweller”). Deveremos julgar esse desejo? “To find, then lose, is loss complete”. Após a sua perda, nunca o narrador teria imaginado voltar a vê-la; porém, sendo cristão, deveria acreditar na sobrevivência da alma humana após a morte. O joalheiro sabe que tamanha dádiva não se voltará a repetir; não sendo capaz de a manter consigo, irá perdê-la eternamente. Assim sendo, deverá aceitar uma vida de ruína e privação? O seu sofrimento nunca conheceu qualquer tipo de alívio porém, foi suavizado pelo que vislumbrou. Esta ânsia é reforçada quando deixa claro que não teme a morte ou a aflição que terá de passar para se juntar à filha. Sabe que, para lá ficar, terá de morrer “That none could keep me from my dear /Though with my life I needs must pay”, XX). Este

desejo vai contra o intento de Cristo (“my Prince”) e os Seus planos, que devem obedecer ao tempo a que estão designados: “Against his will my soul conspires (...) / This was not as my Prince desires / It pleased him not that I should throw / My body headlong in that way” (XX). Apesar da vontade de continuar no Paraíso e de estar novamente reunido com a luz da sua vida, deverá esperar pelo momento certo: a altura em que vai merecer esse lugar.

O sonhador não se converte a um estado de espírito diametralmente oposto, mas deixa para trás a angústia desesperada que enfrentava. Sabe que a pérola está perdida, mas está agora mais perto de se reconciliar com a perda, feliz pelo facto de a sua pérola ter agradado a Deus e ciente das limitações impostas ao desejo humano.

Este processo de iluminação é apresentado por meio de um diálogo entre um mortal, que busca, e um ser celestial, outrora um mortal amado, que possui o conhecimento para responder, em virtude de sua posição no Céu. A compreensão do mortal foi resultado da revelação divina, sendo o “instrutor” a *Pearl*, enquanto o instruendo permanece propenso à agitação. O sonhador transporta para o mundo sobrenatural do seu sonho os valores e as expectativas que pertencem à sua vida acordado.

Este contraste entre o materialismo do sonhador e a natureza espiritual do mundo em que se encontra é um dos motivos centrais do poema. No mundo celestial, o sujeito falha persistentemente em entender o que vê e aprende. Começa por ter dificuldade em compreender a posição da pérola nesse mundo celestial, presumindo a respectiva hierarquia em termos terrenos e achando, por isso, que para a pérola se ter tornado rainha, Maria teria de ter perdido a sua coroa. Seguidamente, a sua ideia de justiça é terrena, faltando-lhe compreender que a graça de Deus - um tema importante do pensamento teológico do século XIV (e não só) - é suficiente para a salvação. Também a sua conceção de casamento é terrena, por achar que por a pérola ser a noiva do Cordeiro, é a sua única noiva. Os repetidos mal-entendidos do sujeito pertencem ao mundo familiar e material de valores e suposições quotidianos que partilhamos com ele; a ordem celestial permanece um mistério, incrivelmente bela e, ainda assim, resistente à compreensão humana.

A incapacidade do sonhador para receber plenamente a mensagem do sonho atinge o seu cume no momento em que, através de um ato impulsivo, ele põe fim ao sonho. A sua motivação é limitada pela natureza e é o amor, um amor possessivo e egoísta, típico do homem terreno, que o impele a tentar juntar-se à sua pérola na Jerusalém Celestial, lamentando depois a possibilidade que perdeu de uma experiência visionária mais profunda.

Mais tarde, o narrador evidencia a graciosidade da Virgem Maria (“Queen of heavenly grace”, VIII), momento em que o simbolismo da pérola ganha volume, através de uma referência ao poder espiritual desta figura. Ora, a metáfora em torno da pérola é uma referência ao espírito da filha do joalheiro, sendo-nos dito, então, “All spiritual power doth embrace” (VIII), o que aponta para a espiritualidade, incontornável e divina, de todas as almas serem um só: cada alma cristã vive como discípula de Deus, unindo-se não só a Cristo como também aos seus irmãos crentes.

A referência à água e ao sangue (“Water and blood from gaping wound”, XI) permite estabelecer um contraste entre os dois elementos – a água, génese da criação da pérola, assim como o seu *habitat*, e o sangue como representante da morte da mesma. A água é um símbolo sagrado, ligado ao Baptismo, à verdade e inocência. A água e a pérola, sendo puras, deveriam ter sido poupadas das manchas de sangue, tal como a inocência, segundo a razão e os justos, deveria ser salva (“Innocence is ever safe by right”). Se, por um lado, não tendo mácula, a sua filha não merecia o destino mortal, por outro, o destino ofereceu-lhe um lugar nos Céus, onde foi coroada rainha. Dessa forma, poderá ter sido recompensada pela sua qualidade de pérola – mesmo no Paraíso, ainda o é. O Paraíso é o reino descrito em *Mateus* 14: 45-46: “The kingdom of heaven is like the merchant seeking valuable pearls, who, when he had found a pearl of great price, went and sold all that he had, and bought it.” Aqui vemos as pérolas como, figurativamente, destinadas ao reino de Deus, o Paraíso reservado para os puros: “Then Jesus them most sweetly taught: / “Let them all come within my sight-, / My Kingdom is where they consort.” / The innocent are safe by right.” (XII).

Deparamo-nos com versos que confirmam a descrição da pérola, enaltecendo a sua falta de pecados e o seu valor extremamente precioso:

“The innocent, true, and undefiled,
Without a spot or stain of sin,
These, when they knock, are not reviled;
Quickly do men the gate unpin.
Joys will not cease that there begin,
So precious pearls the jeweller sought
Sold all his goods, and cloths akin
To buy a pearl without a spot
This spotless pearl, whose price was dear,
For which that man gave all he could,
Is like the realm of Heaven clear” (XII)

Isto leva-nos a outro tema de extrema relevância: a secessão do corpo e da alma como duas entidades distintas (*Fédon*) A alma sobreviverá após a morte do corpo físico, que é efêmero, estando a alma num parâmetro superior. Platão sugeriu até que o corpo seria um obstáculo para a alma, ofuscada pelas necessidades do corpo (That spot my spirit fled apace/And let my body dreaming lie./My soul set forth in God's good grace/To range where marvels multiply.”, II). Ou seja, o espírito é separado do corpo para poder continuar a sua ‘aventura’ e ‘missão’ no Céu. Tal fenômeno é possível somente quando a capa exterior for abandonada: o corpo que nos prende e limita, pois a verdade habita em plenitude no interior mais íntimo. Deixada a concha, a pérola revelou-se uma esfera sem defeitos, de supremo encanto e, por isso, dotada de perfeição.

Cristo comparava o céu a uma pérola de grande preço, sendo conhecido que as portas da Jerusalém Celestial eram constituídas por doze pérolas. A sabedoria está também ligada à pérola, sendo o nosso espírito, no Céu, mais sábio e primoroso. Estaremos a aproximar-nos da explicação para o destino da pérola nesse lugar divinal; na verdade, está agora a viver o seu real propósito, livre de obstáculos. Mais uma vez, o narrador terá uma razão para invejar os moradores de Jerusalém.

As estrofes seguintes são dedicadas à ideia desse lugar, nomeando mesmo a pérola como parte dos cordeiros de Jerusalém. Os crentes e abençoados são o rebanho de Deus trazido à luz, reunindo-se em Jerusalém como um todo. O Cordeiro, que poderá representar Jerusalém no seu conjunto, tem uma cor: branco luzente que espelha a total limpidez e inocência.

"They are redeemed, brought to the light
As first fruits who to Him are due,
In the gentle Lamb they all unite,
Like to Himself in form and hue,
Never do lies or tales untrue
Corrupt their tongues, whate'er the stress,
None separates that spotless crew
From that peerless Master, nonetheless." (XV)

A descrição do espaço passa também pela exposição de uma sala cheia de pedras preciosas e dos portões da cidade, ambos constituindo provas do imenso valor do reino dos Céus ("Their portals graced with splendid plates. /Each held a pearl of high degree./A pearl from which light radiates", XVIII). É constante a referência à graciosidade, ao esplendor, à preciosidade e à iluminação radiante do local, ao longo do poema: a luz, sendo a criação de Deus, o criador de tudo, e o Cordeiro, sendo a sua lanterna, instrumento de boas obras. Nas pérolas do portão estão escritas as datas de nascimento das crianças de Israel, homenageando a importância individual. De seguida, surge uma ideia intrigante:

"But sorely wounded was he on
His breast, so that all eyes could find
On his white breast blood ran entwined.
To take in such cause some delight?" (XIX)

O Cordeiro tem marcas de sangue no seu peito. Para chegar ao Paraíso, teve de passar pela morte no mundo mortal, sendo isso que o sangue simboliza. Apesar do sangue e da amargura vivida, o Cordeiro e os Seus seguidores estão num lugar deleitoso, de paz e harmonia; o sangue levou-os até à verdadeira salvação. Os moradores do reino de Deus tiraram proveito da morte e da perda da vida material, tendo-se afirmado como merecedores dessa 'recompensa'.

"And I was filled with wild dismay.
I stretch, and all my hope expires;
And sighing, to myself I say,
'Let it be as my Prince desires.'

For I have found him day and night
A God, a Lord, who ever can
Upon this hill me guide aright
In pity for that pearl which ran
(...)
Those precious pearls my Prince desires.” (XX)

Neste excerto, é enaltecida a crença em Deus, a fé que se deposita na Sua vontade, no Seu poder e no destino que traça para cada um (“Let it be as my Prince desires.”). O último verso retoma a ideia de que tudo está sob o controle de Deus; Deus deseja as pérolas, os perfeitos moradores dos Céus, porque é quem merece verdadeiramente esse lugar, para ser salvo e estimado. A pérola “desapareceu” da terra porque foi nomeada para o Seu reino: “The New Jerusalem”, o último local que o narrador visita no seu sonho.

Uma metáfora central do poema é o processo de transformação da pérola, que acaba por ser, de certo modo, simples: a pérola é uma pérola e manteve essa característica. O narrador continua, ao longo do poema, a chamá-la como tal, sendo esta pedra preciosa um detalhe constante no mundo espiritual (estão no rio, na roupa, na pele e no cabelo da filha, nos portões da Nova Jerusalém, entre outros). A filha entrou na Jerusalém Celestial e lá amadureceu da forma mais graciosa.

Quando o joalheiro acorda, medita acerca da indubitável glória de Deus, terminando com as palavras “Amen. Amen.”, palavras sagradas da oração, indicando que a sua meditação (e, na verdade, todo o poema) tem um caráter de religiosidade que não pode ser refutado nem perdido, à semelhança de tudo o que existe e acontece dentro de nós, como, por exemplo, os sonhos.

III

Não nos dispersando muito do poema, sabemos que a pérola é um dos materiais mais cobiçados a nível mundial. Apesar de desvalorizada por alguns, sempre teve um valor incalculável para os especialistas, sendo atualmente admirada em diversas áreas como na joalheria e na indústria de roupa, preferencialmente de luxo. Como é usual,

surtem imitações e réplicas deste material, que não é facilmente acessível, por ser considerado raro, extremamente valioso e até sumptuoso.

Por ser uma pedra preciosa de elevada delicadeza e formosura, encontramos obras associadas à imagem da pérola no ramo da literatura, do cinema e da pintura, entre outros. Assim, o quadro “A rapariga com o Brinco de Pérola” (“Meisje Met de Parel”, na língua original) do pintor holandês Johannes Vermeer, datado de 1665, é um relevante



vestígio do simbolismo da pérola ao longo do tempo, podendo ser facilmente relacionado com o poema *Pearl*, obra base deste ensaio. Trata-se de um retrato de uma jovem, de aspeto angelical, cujo estado emocional não nos é claro. Ainda assim, as cores utilizadas, como o azul ciano, amarelo e o fundo preto, transportam-nos para uma visão aparentemente enegrecida e de desânimo, sendo o azul, muitas vezes, associado à quietação.

Esta pedra preciosa, em tempos, era considerada pelos europeus a cura para diversos problemas psiquiátricos, tais como a melancolia. Esta ocorrência está igualmente presente no poema *Pearl*, visto que o narrador, sendo um pai que perdeu a filha, relaciona-a com a pérola; a alegria do reencontro (“Now I have found it, great my glee;”, IV) é a cura e solução para a melancolia insaciável que o corroía.

Ainda no que concerne às cores escolhidas pelo pintor, subsiste uma relação de equilíbrio entre o tom do ouro (cor da roupa da rapariga), que corresponde à descrição da pérola na obra *Pearl* (“Flawlessly set in gold so fair”, I); e o alabastrino brilhante da pérola (que faz parte do brinco que utiliza), surge com o mesmo brilho evidenciado no poema. A pérola, ainda que discreta, não passa despercebida, nomeadamente face ao contraste evidente entre as vestimentas modestas da jovem e o acessório faustoso que lhe confere uma certa elegância.

A expressão facial serena da protagonista é interpretada como um sinal de virgindade, que poderá estar relacionado com a pérola que carrega, transparecendo a sua pureza, simbólica de algo ou alguém, como já foi dito, perfeito e não corrompido. A jóia é também associada ao corpo e órgão genital feminino. Este último fator pode ser interpretado a partir da relação que existiria, segundo alguns autores como Tracy

Chevalier, entre Vermeer e a jovem: uma espécie de amor proibido. Sendo de classes sociais distintas, não era comum nem aceitável existir uma relação entre ambos, para além da diferença de idades. Assim, manifesta-se outra associação entre a pérola e o quadro: este material raro e de difícil obtenção assemelha-se ao amor e à beleza da jovem de dezassete anos, prezados pelo pintor. Deste modo, a pérola representa, mais uma vez, algo de difícil alcance, por ser preciosa e se encontrar longe da vista e das possibilidades do Homem.

Para dar seguimento ao estudo do simbolismo da pérola ao longo do tempo, decidimos apresentar uma obra mais recente, da área do cinema, um clássico da nossa geração: *Barbie: The Pearl Princess*.

Conhecida pela maior parte de nós, Barbie é uma célebre boneca do mundo de animação e lazer infantil, a nível mundial. Criada originalmente em 1959, é uma das marcas mais famosas, tendo uma grande influência nas crianças por carregar mensagens subentendidas, como lições de moral.

O valor e a importância da pérola aparecem, tal como o título indica, de forma constante neste filme. Baseia-se na história de uma sereia que vive com a sua tia no fundo do mar, ou seja, existe aqui, desde o início, um paralelismo entre o facto de o mar ser o sítio onde se podem encontrar as pérolas e, simultaneamente, onde a personagem principal vive, tendo maior contacto e mais facilidade em se deparar com este tesouro. No entanto, no filme, as pérolas continuam a exibir o seu carácter excepcional e raro, não se encontrando ao alcance de qualquer um, por serem consideradas uma recompensa digna de apenas verdadeiros merecedores. Podemos, simultaneamente, estabelecer uma comparação com *Pearl*, com base na cena em que a Barbie coroa a sua amiga como rainha dos oceanos e lhe entrega várias pérolas como símbolo da realeza e singularidade, assim como através da revelação do poder mágico da jovem, proveniente das pérolas, que não deveria usar sem sensatez, uma vez que “é muito valioso e propício de ser roubado”. Tal como vem sendo alegado, a pérola é ingenuidade e inocência - precisamente a imagem que Barbie nos transmite, metaforizando a pureza e perfeição da pérola: “[ainda] sem marcas da vida”.

O filme termina quando, num baile da realeza, Barbie descobre que é filha dos Reis dos Oceanos; à semelhança da nossa pérola, rainha do paraíso, é-lhe concedido o título de princesa. É perceptível a admiração por parte da plateia que assiste à cerimónia,

devido ao poder que a personagem detém, cobiçado por todos: algo tão precioso como uma pérola.

IV

A imagem que se deve reter após o estudo deste texto lírico é talvez: “*Pearl* is one of the jewels in the crown of medieval English poetry: a real gem of a poem”, sugerido no blogue “Interesting Literature”.

Um dos aspectos a salientar é a dúvida acerca de Deus, do Seu poder superior e da efemeridade de uma vida. Não é uma surpresa que a literatura medieval seja conhecida pelos seus temas eternos e por uma seriedade e veemência que nos transporta a assuntos esculpidos para qualquer época e lugar.

Foi neste sentido que decidimos confrontar obras díspares que retratavam o mesmo objeto - a pérola - e, apesar de partilharem aspectos, persistem pormenores que farão com que cada criação seja autêntica à sua maneira, pura por si só, sem que nenhum olhar possa alterar a sua alvura. Talvez cada uma destas obras seja precisamente como uma pérola, que mantém a sua insígnia de perfeição e não se desvanece; independentemente do surgimento de novas interpretações, cada uma mantém-se imune a olhares alheios, pois é suprema a sua essência.

Bibliografia consultada

“A Short Summary of the Medieval Poem *Pearl*”. *Interesting Literature*. An Elite Cafemedia Publisher. Web.

<https://interestingliterature.com/2016/02/a-short-summary-of-the-medieval-poem-pearl/>

“Barbie: The Pearl Princess”. Ezekiel Norton. 2013. Idem.

"British Library: Medieval Collection Items". Bl. Uk, 2022. <https://www.bl.uk/collection-items/piers-plowman>.

Burrow, J. A. *Essays on medieval Literature*: Oxford University Press, 1984.

Burrow, J. A. *Medieval Writers and their work. Middle English Literature and its background 1100-1500*. Oxford/New York: Oxford University Press, "Opus", 1987.

"Elegia." *Dicionário Priberam*, 2021. Web.

Everett, Dorothy. *Essays on Middle English Literature*. Ed. by Patricia Kean. Oxford: Clarendon Press, 1955.

Lage, Rui. "A Elegia Portuguesa nos séculos XX E XXI: Perda, Luto e Desengano". RepositorioAberto.Up.Pt, 2021.
<<https://repositorioaberto.up.pt/handle/10216/50420>>

MacQueen, John. *Allegory*. New York: Methuen & Co., 1970.

"Pérola". *Dicionário de símbolos: Significado dos Símbolos e Simbologia*. 7Graus, 2008. Web. <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/perola/>

"Pearl: Introduction". University of Rochester. Sarah Stanbury, 2001. <https://d.lib.rochester.edu/camelot/creator/sarah-stanbury>

"Pearl". *Modern Translation*, Bill Stanton. Idem

"Pearl". *Linguagem perdida do simbolismo*. Harold Bayley, s.d. Idem

"Pearl": Poem Review". A Literary life. Emily Weather, 12Jun.2017. Idem

Spearing, A.C. "Pearl" in *Medieval Dream-Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

Tambling, Jeremy. *Allegory*. New York: Routledge, "The New Critical Idiom", 2010.

"The Interpretation of Dreams Quotes by Sigmund Freud". *Goodreads.Com*, 2021. <https://www.goodreads.com/work/quotes/1758256-die-traumdeutung>.

"The Strange Power of a Medieval Poem About the Death of a Child". *The New Yorker*. Josephine Livingstone, 16Jun.2016. Web.

Resumo:

O objeto de estudo do presente ensaio é o poema medieval *Pearl* (séc. XIV) e irá focar-se na simbologia deste valioso material, utilizado como adorno há mais de 6.000 anos. A pérola foi a pioneira das gemas na Antiguidade, uma preciosidade escondida sob uma capa - a concha, que requer esforço e cuidado para ser adquirida, o mesmo que é exigido para alcançar a Verdade ou o Conhecimento. Iremos argumentar no sentido da definição deste poema como, simultaneamente, uma alegoria e uma elegia.

Adicionalmente, considerámos relevante estabelecer uma analogia com o significado e proeminência noutras obras e, por fim, concluiremos se existe ou não uma metamorfose do simbolismo ao longo dos tempos, assim como as disparidades e semelhanças em diferentes formas de representação desta gema.

Palavras-chave:

Pearl; Pérola (Simbologia); Alegoria; Elegia; Jerusalém Celestial.

Abstract:

The object of study of this essay is the medieval poem *Pearl* (14th century), which will focus on the symbology of this valuable material, used as an adornment for over 6,000 years. The pearl was the pioneer of gemstones in Antiquity, a preciousness hidden under a cover - the shell prerequisites effort and care to acquire it, the same as to attain Truth or Knowledge. We will briefly argue for the definition of this poem as both an allegory and an elegy.

Additionally, we considered it relevant to establish an analogy with meaning and proeminence in other works and, finally, we will conclude whether or not there is a metamorphosis of symbolism over time, as well as the disparities and similarities in different forms of representation of this gem.

Keywords:

Pearl; Pearl (Symbology); Allegory; Elegy; Heavenly Jerusalem.

